

*Cognition, Neuropsychology and Learning*

*Cognición, Neuropsicología y aprendizaje*

Davi Sidnei de Lima<sup>1</sup>  
Tatiana J. S. Riechi<sup>2</sup>

FONSECA, V. *Cognição, neuropsicologia e aprendizagem*. Abordagem neuropsicológica e psicopedagógica. Petrópolis: Vozes, 2007.

O autor se propõe abordar a cognição e a aprendizagem a partir de uma visão de educação cognitiva (EC) multifacetada, a qual inclui introdução teórica com bases filogenéticas e neuropsicológicas (cap. 1), integradora de um novo modelo de diagnóstico potencial de aprendizagem (cap. 2) e novas intervenções pedagógicas (cap. 3). Na introdução há uma exposição de elementos norteadores da EC e o quarto capítulo trata da dificuldade de aprendizagem e as vantagens da avaliação psicopedagógica dinâmica.

A EC vê o estudante como um ser aprendente, dotado de capacidades e orientado para aprender e mudar. Encerra uma visão dialógica do desenvolvimento cognitivo humano: construtivista (Piaget) e co-construtivista (Vigotsky). Recorre a Doise ao considerar o conflito sociocognitivo e ao fugir de um método de ensino expositivo e competitivo. Parte de uma perspectiva sistemática da inteligência, assumindo contribuições da psicologia cognitiva, da neuropsicologia, do processamento de informação e das abordagens contextuais de desenvolvimento cognitivo. A inteligência é

considerada bioantropológica, em sua gênese, e psicossocial, no seu desenvolvimento. A EC tem, por finalidade precípua, fornecer ferramentas psicológicas que maximizem a capacidade de aprender. Não é um método alternativo para estudantes de baixo rendimento escolar, mas um instrumento educacional para todo ensino e todo tipo de formação de recursos humanos.

As escolas e instituições sociais de formação têm negligenciado as vantagens da EC, sendo que seus agentes desconhecem a intervenção psicopedagógica no domínio da cognição. A EC é um modelo de educação cooperativa e não competitiva, a qual alicerça a aprendizagem como um processo de construção e aquisição de conhecimento, baseado na interação dos seus vários atores, coordenando dinamicamente diferentes níveis de competência cognitiva. A partir do nível básico de aptidão cognitiva deve ser elaborada a prescrição da intervenção individualizada, a qual baliza a educação cognitiva, com o objetivo de otimizar a capacidade de processar informação.

Baseada nesses pressupostos teóricos e práticos, a EC tende a evitar fracassadas

<sup>1</sup> Curso de Psicologia - UFPR / Curso de Filosofia - Faculdade Padre João Bagozzi / Monitor das disciplinas de Psicologia e Filosofia do Curso de Pedagogia da Faculdade Padre João Bagozzi. Bolsista de Extensão da Fundação Araucária / Projeto de Extensão: Atuação Neuropsicológica em Centro de Neuropediatria. E-mail: davisidneilima@hotmail.com. Endereço: Alameda Augusto Stelfeld, 140 - ap. 15 - CEP 80410-140 - Curitiba-PR.

<sup>2</sup> Coordenação do Projeto de Extensão Atuação Neuropsicológica em Centro de Neuropediatria. Doutorado em Ciências Médicas pela Universidade Estadual de Campinas, Atuação em Psicologia Fisiológica. Professora titular do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Paraná. E-mail: tatiriechi@hotmail.com. Endereço: Departamento de Psicologia - Universidade Federal do Paraná - Praça Santos Andrade, 50 - 2.º Andar. Caixa Postal 19061 - CEP 80060-000 - Curitiba-PR.

experiências de aprendizagem. A observação dinâmica permite a compreensão do estilo e do perfil cognitivo do indivíduo, possibilitando um plano de intervenção individualizado que reforça e amplia suas áreas fortes, consolidando os alicerces motivacionais e fortalecendo a sua autoimagem. Subsequente a essa fase de reforçamento cabe a “compensação das áreas fracas” do perfil cognitivo.

O significativo da EC é levar ao desenvolvimento de funções e habilidades mentais que ampliem o potencial de aprendizagem dos estudantes, não primando por uma assimilação acrítica de conteúdos. É essencial a escola ter a EC como meio para a sua manutenção, pois uma formação em qualquer nível requer um “currículo cognitivo” que possibilite o desenvolvimento de funções que estão na base de qualquer aprendizagem.

A cognição é resultado da ação e da motricidade ideacional da espécie humana, a qual tem como inclinação a resolução de problemas. A sintaxe da linguagem, surgida filo e ontogeneticamente da sintaxe da ação, tem por base a capacidade de planificação motora: a sequência espaço-temporal intencional é característica peculiar do cérebro humano. A sincronia entre o funcionamento psíquico e o equipamento motor revela uma avançada evolução neurológica, recente em termos filogenéticos e tardia em termos ontogenéticos, refere-se às chamadas funções executivas do cérebro. A diferença entre motricidade e psicomotricidade permitiu à espécie, com a sua motricidade pré-frontal, acrescentar ao mundo natural o mundo civilizado. Em todos os níveis, o desenvolvimento prático consubstancia o nascimento de funções cognitivas superiores, sendo estas fruto de uma seleção.

A partir da década de 1990, houve uma maior possibilidade de se entender a relação funcional entre a estrutura (neurologia) e a função (psicologia). A alternativa neuropsicológica de Luria apresenta uma perspectiva equilibrada

das relações cérebro-comportamento e cérebro-aprendizagem, considerando o cérebro como produto, filogenético e ontogenético, de sistemas funcionais adquiridos há milhões de anos. Neste contexto, a EC tem o objetivo de aperfeiçoar o potencial de aprendizagem de todos os estudantes, sendo que com a reabilitação pode-se superar dificuldades. A abordagem cognitiva da aprendizagem resulta da fusão da psicologia cognitiva e da neuropsicologia experimental.

Por sua vez, a avaliação psicopedagógica dinâmica (APPD) deve caracterizar-se por uma interação mais ativa, que coloca em jogo um conjunto original de “estratégias de mediatização”, cujo objetivo seja um verdadeiro processo de aprendizagem e não apenas um processo de teste. Assim, a avaliação precisa considerar os pressupostos apresentados, evitando o determinismo e encontrando soluções para os problemas levantados. A APPD exige o tratamento sistêmico dos dados, bem como decisões coerentes e eficazes, superando a utilização acrítica de procedimentos classificativos. Há necessidade de conectar o diagnóstico com a intervenção, sendo que o modelo sugerido pela APPD é do tipo: pré-teste, intervenção-mediatização, pós-teste. Assim, a APPD se diferencia da avaliação estandardizada tradicional em elementos como objetivos, instrumentos, orientação, envolvimento e interpretação dos resultados.

Na esteira da psicologia de Vygotsky, a sociogênese entende-se em termos dialéticos de fatores socioculturais e psicobiológicos, com destaque para os instrumentos linguísticos, os quais transformam de forma radical uma linha de desenvolvimento na outra. O conceito de *zona de desenvolvimento proximal* expressa a emergência significativa da interação (mediação). Daí que a socialização da criança e do jovem depende da socialização dos adultos e os “estilos de interação” destes irão ser determinantes da competência social das futuras gerações.

As Dificuldades de Aprendizagem (DA) não possuem um consenso, sendo necessário um horizonte mais amplo para o seu justo entendimento e enquadramento. Os axiomas de definição de DA mais discutidos levam em conta alguns parâmetros de definição, como a ocorrência num contexto educacional adequado, a discrepância entre o potencial de aprendizagem intelectual normal e o desempenho escolar abaixo do normal, fatores de exclusão e de inclusão. Assinala-se que as DA estão relacionadas com

problemas de processamento de informação, sendo que a identificação precoce das DA é crucial, pois constitui uma das estratégias preventivas e profiláticas significativas da minimização dos seus efeitos. Há necessidade de uma avaliação multi e transdisciplinar, não bastando avaliações estandardizadas, estritas ou formais. No âmbito da escola consideramos a perspectiva da avaliação psicopedagógica dinâmica.

Texto recebido em 14 de abril de 2009.  
Texto aprovado em 24 de abril de 2009.